

## Tambores não vão bater amanhã

Pela primeira vez, ao longo de 25 anos, a Noite dos Tambores Silenciosos deixa de ser realizada na segunda-feira de Carnaval, com a tradicional cerimônia mística que envolvia os maracatus de baque-virado (ção Africana) e um grupo de artistas amadores que declamavam o poema Lamento Negro, de autoria do jornalista Paulo Viana, que evocava a odisséia dos escravos africanos, desde sua caçada na África até os dias atuais.

O autor do poema é também o criador e o principal animador dessa cerimônia mística dos tambores silenciosos, que tem por objetivo homenagear Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos homens de cor e dos maracatus, e bem assim, evocar a memória dos negros que morreram no cativo e que foram os inventores do carnaval de rua do Brasil. Essa cerimônia, denominada Noite dos Tambores Silenciosos, já alcançou dimensão internacional, pois foi objeto de documentários por parte da televisão francesa e de uma emissora de TV argentina. Também a TV Educativa, da Fundação Padre Anchieta, de São

Paulo, teve igual procedimento, mostrando para o País, os episódios e cenas do espetáculo.

### ATRAÇÃO

Nessas condições, a Noite dos Tambores Silenciosos se tornou numa atração turística de grande peso, pois para assisti-la, diante da igreja do terço, tem ocorrido ao Recife grande número de turistas nacionais e internacionais que ao final do espetáculo, se manifestam muito impressionados com a cerimônia, sobretudo pelo fato de conseguir galvanizar as atenções gerais de milhares de pessoas que acorrem ao Pátio do Terço à meia-noite da segunda-feira de Carnaval, guardando profundo silêncio quando a cidade está entregue à mais ruidosa parafernália.

Consta a Noite dos Tambores Silenciosos do Roteiro Turístico que é editado mensalmente pela Empetur e distribuído para todo o País. Esta, talvez, seja a grande motivação que tem atraído ao Pátio do Terço dezenas de turistas para assistir à cerimônia mística.

### MOTIVOS

Indagado sobre os motivos que estão deter-

minando a não realização, neste ano, da Noite dos Tambores Silenciosos, o jornalista Paulo Viana esclareceu que duas fortes razões estão contribuindo para este fato: primeiro, a Igreja do Terço está em obras de recuperação com a armação de andaimes em toda a sua fachada, o que dificulta a saudação dos maracatus, e a realização do auto dramático; segundo, a Empetur, todos os anos, contribuíria financeiramente para o transporte dos maracatus de baque virado e com o cachê dos artistas do Teatro Equipe do Recife, além de obter junto à Polícia Militar o isolamento da área e a designação de um corneteiro para executar o toque de silêncio, que faz parte do ritual.

Nessas circunstâncias, Paulo Viana vê concretizada a idéia de não realizar a tradicional Noite dos Tambores Silenciosos, o que não impede, todavia, que os maracatus isoladamente, compareçam à Igreja do Rosário dos Pretos, e ali prestem as homenagens a Nossa Senhora do Rosário, como vêm fazendo há mais de um século.



## Maracatus, um espetáculo à parte

A exibição proporcionada pelos maracatus de baque-virado e maracatus-rurais na Dantas Barreto, na noite do domingo de Carnaval, foi um espetáculo à parte. Talvez, devido à coreografia própria dos rituais umbandísticos e cheia de um colorido todo especial; talvez, até, por conta da magia do seu ritmo e canto. A verdade é que ninguém consegue ficar indiferente ao toque de seus surdos e repicar dos caixas. E, definitivamente, se constata que essa tradição secular precisa ser mantida, a todo custo.

Principalmente quando se assiste ao desfile da Nação Porto Rico do Oriente, fundado em 1916, por descendentes de escravos africanos e que ainda cumpre rigoroso ritual antes de sair para desfilar. Sua rainha, a bonita ialorixá dona Elda Viana, respeitadíssima na hierarquia umbandística do Estado, comandou uma apresentação impecável dos 280 figurantes, com variações criativas dos percussionistas. O canto uissono dos desfilantes contagiou a plateia, que aplaudiu delirantemente o desfile desta nação, que levava, ainda, as duas tradicionais bonecas: Dona Beca, de pano; e Inês, de cera e madeira. Só um deslizamento ao incluir entre os desfilantes a figura do bobo da Corte, que foge à tradição na formação do maracatu.

Ao lado da Nação Porto Rico do Oriente surge um grande favorito à conquista do título de campeão: Elefante. O mesmo Elefante da saudosa rainha dona Santa, hoje substituída por Dona Madalena, de 73 anos, e com apresentações na França e Alemanha. Tomada pela emoção de voltar à passarela três anos depois de uma

ausência forçada pela doença, dona Madalena causou um susto no público ao se sentir mal durante a exibição do grupo, sendo socorrida pelo médico Evandro Maciel, de plantão no local. Só um susto. Dona Madalena voltou à pista de desfile sob aplausos do público. NO estandarte, o mesmo brasão original e reconstituído. Dois carros alegóricos traziam os mesmos símbolos do maracatu: o elefante e um tigre de Bengala.

### NASCENTE

Apesar de não concorrer, o Balé de Cultura Negra do Recife trouxe para a avenida o maracatu Sol Nascente, com uma coreografia muito bonita e vestuário mais harmonioso. O Estrela Brilhante, fundado em 1910, fez exibição muito boa dentro dos critérios exigidos, mostrando-se mais organizado em relação à hierarquia dos figurantes, - com número maior, cerca de 100 - fazendo evoluções coreográficas certas, desde sua guarda real, às damas do Paço, numa lenta caminhada. Em seguida vieram o Encanto do Pina e Leão Coroado, o mais antigo de todos (fundado em 1863), com exibições bem regulares.

Mas os seguintes deixaram bem claras as dificuldades por que passam: Indiano, Almirante do Forte e Cambinda Estrela. Em igual situação exibiu-se a grande maioria dos maracatus-rurais, que simbolizam uma caçada da corte real. Com exceção do Leão Brasileiro, que conquistou o público, com evoluções criativas e fantasias mais bonitas, tornando-se no franco favorito ao título de campeão. Igualaram-se outras tradicionais agremiações, como Estrela da Tarde, Cruzeiro do Forte, Águia de Ouro e Piaba de Ouro.

No maracatu-debaque-virado vale a pena ressaltar a presença na pista da ialorixá Mária de Sônia, do Encanto do Pina, que ressaltou a luta para levar sua nação à passarela, costurando fantasias dia e noite, sem descanso. Um trabalho árduo para seus 59 anos, 52 dos quais dedicados ao carnaval. Emocionada com o desfile do seu maracatu, que atravessa sérias dificuldades, ela chegou às lágrimas e se deu por satisfeita com a exibição da nação.

### CABOCLINHOS

Dez tribos de caboclinhos desfilaram ao longo da Dantas Barreto, exibindo os quatro ritmos diferentes dos indígenas: toque do Perré, toque de guerra, passo de estrada ou bafumba. Mas, o destaque fica por conta das tribos Canindé, aplaudidíssima, e Carijós. Ambas apontadas como favoritas ao título máximo deste carnaval. A predominância de grandes cocares coloridos e com poucas penas, além de descaracterizar as fantasias indígenas, dificultam em muito as evoluções dos integrantes.

A Tribo Tapera-guases fez exibição pouco convincente com seus 40 figurantes, ao contrário dos Canindés de Camarajibe e dos Canindés de São Lourenço da Mata, cujas evoluções alegraram a noite, enchendo a avenida de cor e música que rememoram primitivas tribos indígenas brasileiras. A Tribo Sete Flexas pecou nas evoluções, mas a Tupi cumpriu todo um ritual na pista, encantando público e jurados, principalmente, com a dança dos arcos e a representação de um índio que adoce e é curado pelo matroá, o feiticeiro da tribo.



# *Maracatu. Dona Santa de volta ao Recife*

**D**ona Santa voltou!  
A exclamação foi do museólogo Mário Chagas, ao receber de volta, no Museu do Homem do Nordeste, o acervo carnavalesco do Maracatu Elefante e de sua Rainha, Dona Santa, emprestado há mais de um ano a instituições européias para exposições internacionais.

## CULTURA POPULAR

O Carnaval revela-se, em toda a sua plenitude, como o fenômeno de massas que mais evidencia e salienta as fórmulas, formas, símbolos, signos, arte e criatividade da cultura de um povo. Na folia, toda a arte e o talento de um povo. É assim que vemos o Carnaval: a arte do povo.

A folia está em cada um. Múltipla e multifacetária. Sem códigos nem etiquetas. Espontânea e au-



Depois do desmaio de emoção, d. Madalena voltou para continuar o desfile de Elefante

têntica. Mergulho da cabeça (mente) aos pés (corpo em movimentação) na aventura de ser feliz, de brincar, de festejar. Lamentavelmente, os mitos do Carnaval do Recife são pouco focalizados. Seria ótimo se criássemos mais espaço para eles: músicos, foliões, fantasiados, rainhas, deusas, destaques de nossas agremiações. Quem não fica encantado com a beleza, o charme e o esplendor de **Elda**, a rainha do Maracatu Porto Rico? Quem não fica emocionado com as lágrimas de **Getúlio Cavalcanti**, quando canta os frevos-de-bloco de Banhistas do Pina? Quem não sentiu, também, um "frisson" quando **D. Madalena**, substituta de D. Santa do Maracatu Elefante, teve um distúrbio neuro-vegetativo ocasionado pela emoção de desfilar no conjunto que não saia há 13 anos, desde a morte de D. Santa? Momentos como esses - cheios de emoção, magia, sentimento e encantamento são constantes nos desfiles das nossas agremiações. É preciso flagrar a alma do povo neles. É necessário sensibilidade para captar a cultura popular, viva, presente, passado e futuro - no Carnaval do Recife.



# Balé de Arte Negra exhibe-se hoje no Pátio de São Pedro

A valorização e conscientização da cultura negra é a proposta do espetáculo "Negras Raízes", a ser apresentado, com o apoio da Fundação Joaquim Nabuco, pelo Balé Arte Negra de Pernambuco, no pátio de São Pedro, neste domingo, às 20 horas, dentro

das festividades alusivas aos 450 anos do Recife.

O espetáculo "Negras Raízes" visa buscar uma identidade autêntica da dança negra, além de novas formas na linguagem do movimento, tanto nos seus aspectos da técnica corporal, quanto na concepção coreográfica; e ainda a arte negra como forma de expressão artística de movimento integrado à vida do homem contemporâneo e, ao mesmo tempo, como um dos fatores mais característicos do comportamento espontâneo do negro afro-brasileiro.

## HISTÓRICO

Comprometidos com os valores reais da raça negra, com certeza foi o que levou o grupo liderado pelo professor Zumbi Bahia ao propósito de trazer a capoeira ao seu lugar de origem (banida, no final do século, por ser considerada nociva). E assim, em 1979, começava no Recife um verdadeiro resgate do que restou do exílio.

"Entre rodas, batismos e confraternizações" - explica Zumbi Bahia - "conseguimos a implantação da capoeira nas escolas da Rede Municipal de Ensino, através da Fundação Guararapes".

No momento, o Balé Arte Negra de Pernambuco ministra aulas aos sábados e domingos no Centro Social Urbano da Campina do Barreto, Água Fria, a fim de promover um ritual de danças afro-brasileiras oriundas dos terreiros que ainda conservam uma beleza primitiva de ritmos e coro tribal.

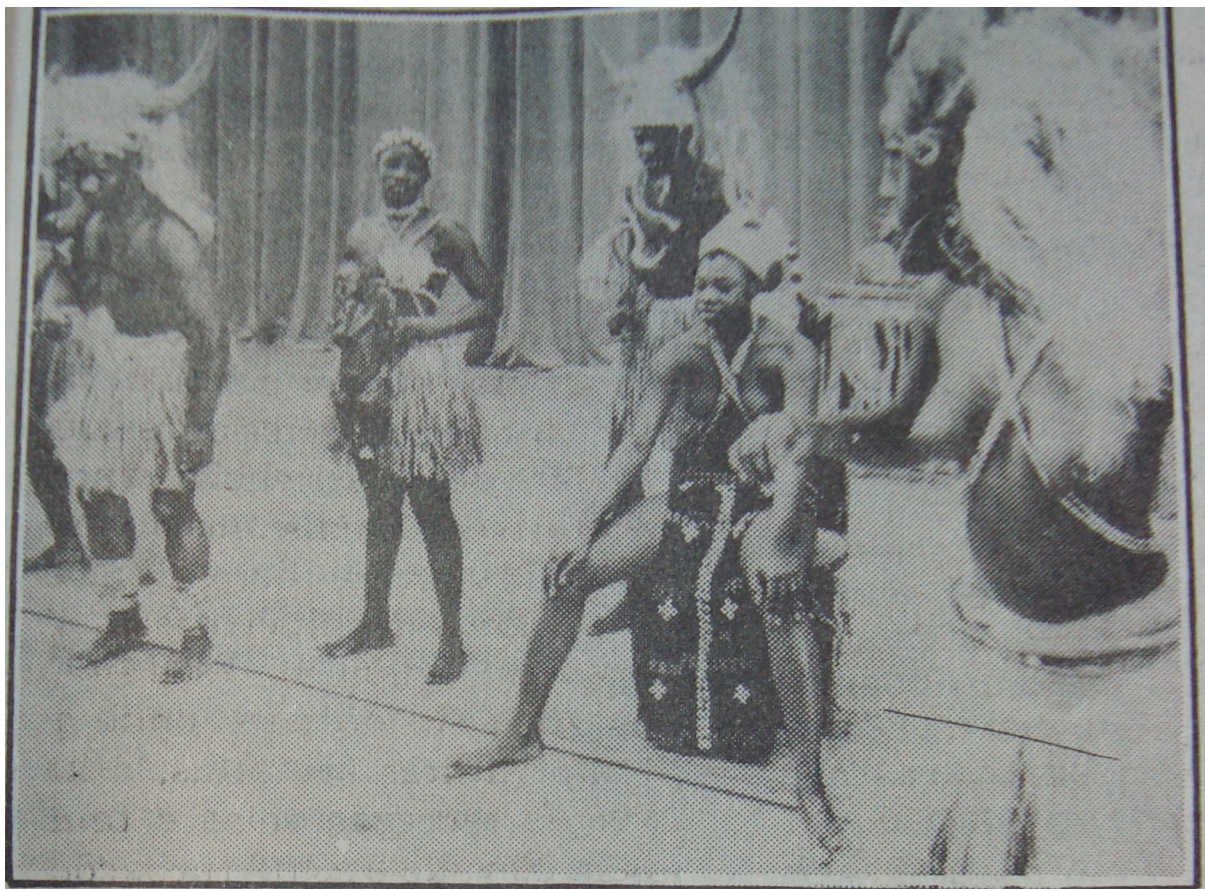
O grupo é formado por 14 componentes e sua diretoria é composta pelos próprios integrantes - professores, dançarinos e percussionistas: Waldir Ferreira, Joab Ferreira, Sérgio José, Fábio da Silva, Sérgio Murilo, JoséIVALDO, José Roberto, Edvaldo, José Maria, Fábio Leandro, Gilson José Gomes, Ubiratan Adamastor, Zumbi Bahia e Thelma Chase.

**A MULHER  
MODERNA  
TEM  
ENCONTRO  
MARCADO  
TODOS OS  
DOMINGOS  
NAS PÁGINAS  
DO**

**CLUBE DAS  
LEITORAS**

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO**





**Balé do Senegal excursiona pelo Brasil e virá, também, ao Recife**

## **Balé do Senegal**

O **Balé do Senegal**, que está excursionando pelo Brasil e deverá fazer três apresentações nesta capital, é uma das atrações do Fantástico. O número foi gravado logo depois do Carnaval, no heliporto do Edifício Banespa, um dos pontos mais altos da capital paulista, com direção de Alexandre Lannes. A temporada do Balé do Senegal no Centro de Convenções acontecerá nos dias 4 e 5 de abril.



## *“Negras raízes” no Pátio para comemorar aniversário*

A valorização e conscientização da cultura negra é a proposta do espetáculo “**Negras raízes**”, a ser apresentado, hoje, às 20 horas, pelo Balé Arte Negra de Pernambuco, no Pátio de São Pedro, com o apoio da Fundação Joaquim Nabuco, dentro das festividades comemorativas dos 450 anos da cidade, promovidas pela Prefeitura do Recife/ Fundação de Cultura.

O espetáculo visa buscar uma identidade autêntica da dança negra, além de novas firmas na linguagem do movimento, tanto nos seus aspectos formais como intencionais.

Comprometidos com os valores reais da raça negra, o grupo liderado pelo professor Zumbi Bahia começou a atuar com o propósito de trazer a capoeira ao seu lugar de origem (banida, no final do século, por ser considerada nociva). E assim, em 1979,



**Balé Arte Negra de Pernambuco prepara-se para o espetáculo que mostrará ao público, esta noite**

começava no Recife um verdadeiro resgate desta manifestação de cultura popular:

- Entre todas, batismos e confraternizações - comenta Zumbi Bahia - conseguimos a implantação da capoeira nas escolas da rede municipal de ensino, através da Fundação Guararapes.

O Balé Arte Negra de

Pernambuco é formado por 14 componentes, dirigindo eles próprios os destinos do conjunto: Valdir Ferreira, Joab Ferreira, Sérgio José, Fábio da Silva, Sérgio Murilo, José Ivaldo, José Roberto, Edvaldo, José Maria, Fábio Leandro, Gilson José Gomes, Ubiratan Adamastor, Zumbi Bahia e Telma Chase.



## *Maracatus de trombo*

Neste 1º de março, ligando ao acaso a TV, deparei uma reportagem de rua, e diverti-me com as mirabolantes explicações do comentarista, a respeito dos maracatus rurais. O moço, carente de melhores informes dessas agremiações pouco divulgadas, apelou para a inventiva, imaginando tradições e simbolismos que nunca existiram. É possível que alguém, louvando-se em um maracatu "rural" de Água Fria, ou da Campina dos Coelhos, tenha

uma visão distorcida do que seja (ou do que tenha sido) um verdadeiro maracatu rural. O camponês da Mata, respeitoso das coisas santas, contudo, nunca foi de muita reza e patuá, limitando-se à Missa do Galo e aos casamentos e batizados na Igreja. De resto vivem (ou viviam) olhando o céu, esmagados pela força que os criou e de que fazem parte. Nunca souberam de Ogum, nem seus folguedos: cocos, forrós e cirandas, que na rua chamavam de

suvacadas e bate-coxas. Ti-veram qualquer caráter religioso. À época, umbandismo era contravenção, perseguido pela polícia e proibido pelo senhor da terra, geralmente cristão. Apenas, em Nazaré, conheci um ferreiro, Waldemar Espírita, que organizava sessões familiares sem atabaques nem cachimbos. Certa noite, Tutu barbeiro olhava a função do sereno, quando o "aparelho" cismou com ele, aos berros: "Fora daqui, espírito mau"! - e partiu para Tutu, que abrindo a porta, entrou na sala de bengala na mão: "Solta esses dois safados, que tiro um do outro, no pau"!



O maracatu rural compunha-se de três quadros: o mestre, com seu apito, seguido pela orquestra, que não se limitava a percussores, incluindo metais, a maioria trombones, para não sufocar-se no estrondo dos gonguês. Os músicos, assim como o mestre, vestiam-se com simplicidade: calças brancas, tênis, camisas coloridas e o boné carnavalesco em voga. O prestígio do mestre dependia da força de sua rima, durante a troca de má-criações, que nem sempre os cablocos aturavam, e o pau comia. Zé Biino, bom no repente, era tido como apadrinhado do Capeta, e nisso eles acreditavam. Um dia Bagadu cantou: "Eu tava lá em Cachoeirinha/ Na beira da linha/ Quando o trem passou/ Eu vi um carro de martelo/ Que veio do inferno// Que o diabo mandou". O martelo era o verso burilado e perfeito, que o mestre cantava sem socorrer-se da mente. O promotor público convidou Zé Bolor para um encontro com Biino, mas o mestre preto, descartou: "Dr. Aluizio/ Mandou me chamar/ Para suciar/ Com meste Biino/ Meu gonguê é fino/ Pode se quebrar". Suciar era o confronto. O grupo das baianas fazia a presença escrava. Constituído de negros, enormes, escolhidos por suas mãos pesadas. Usavam casacos e saias curtas e rendadas. Chapéus largos, decorados com espelhos. O terceiro grupo, o mais importante, compunha-se de caboclos lanceiros, pintados, em uniformes de ganga vermelha, chapéus longos, em forma de pirulito, e acima dos quadris um velocino com chocalhos. Empunhando pesada lança, protegiam o estandarte, fazendo evoluções tais e soltando silvos agudos, que atemorizavam os soldados. Assisti a um encontro desses maracatus, no centro de Nazaré, que foi uma apoteose de folclore. Previ uma batalha, que não aconteceu porque as autoridades, reunidas, obrigaram-nos a cruzar as bandeiras - compromisso de paz - em meio a uma floresta de lanças. A gradação dos chocalhos nada tinha de temporal ou religioso, apenas servia para pluralizar o som e aumentar o ruído, na ginga da marcha preconcebida. O velocino protegia, do peso dos chocalhos, os rins do caboclo. A melhor da TVU foi aquela de ficarem os lanceiros, quatro dias antes do carnaval, trancados num quarto, bebendo aguardente com pólvora e mercúrio, para ficarem azoügados. Esses rapazes trabalhavam normalmente, cortando cana, até a sexta-feira, e só depois entregam-se à folia, limitando seu estímulo à cachaça da cana que plantaram. Os maracatus rurais tratam-se por "nação", não têm rei nem rainha, que são substituídos por quatro índios caprichosamente vestidos. Percorrendo léguas e léguas, de cidade em cidade, torna impossível a participação das mulheres.

O nosso prefeito devia trazer de sua terra, em 88, para mostrar ao povo do Recife, o verdadeiro maracatu rural. **Berlando Raposo - Recife**



# Babalorixás fazem preces para reduzir a violência

Babarolixás radicados no Estado realizarão na Catedral da Iansã, no Iburá, a partir das 16 horas de hoje, vários toques de ilus (tambores) invocando os vários orixás da Umbanda, tendo como temas centrais soluções para os inúmeros problemas que envolvem a nossa sociedade, especialmente, a extinção ou diminuição da violência e o desemprego. Dentro do ritual da seita, farão "preces para que o Governo agora implantado encontre os caminhos

certos para sanar nossos problemas", afirma o idealizador da concentração, "pai Carlos".

## ANIVERSÁRIO

Segundo assegurou ele, "várias autoridades estarão presentes, ao ato, que terá a participação de famosos e respeitados nomes vinculados à Umbanda, inclusive, mãe Badia, que já confirmou presença. Ainda neste ano, quando completarei 25 anos como babalorixá, a Catedral de Iansã promoverá, a exemplo do que ocorre em Salvador

com a Igreja do Bomfim, a lavagem da calçada da Igreja do Carmo".

- Estamos mantendo contatos com renomados nomes da nossa seita, como Ogá Dalaquete, Jair de Ogum, Camafeu de Oxosse e, possivelmente, a sucessora da saudosa Menininha do Gantois. Para tanto, estamos contando com o apoio da Fundarpe, que, através dos seus técnicos, compreendem a seriedade da nossa programação que, por certo, atrairá turistas para aquele evento.



## *Ballet do Senegal é atração desta semana*

Considerado pela crítica dos cinco continentes como um dos conjuntos de dança folclórica mais ricos e originais do mundo, o **Ballet do Senegal** está de volta ao Brasil e incluiu o Recife no seu roteiro de apresentações, devendo constituir-se na maior atração do próximo final de semana, com espetáculos no Teatro do Guararapes, dias 4 (sábado) e 5 (domingo), às 21 horas.

O Ballet do Senegal é uma espécie de Bolshoi. Assim como a companhia russa, "La Linguère" (como também é conhecido esse balé) excursiona pelo mundo mostrando o melhor da dança tradicional do seu país. Com seus instrumentos típicos e ritmos exóticos, a companhia tem alcançado grande êxito em todo o mundo. A última turnê realizada no Brasil, lotou os teatros de todo o País.



**O prazer de dançar do Ballet do Senegal, dias 4 e 5, no Teatro Guararapes**

Os ritos africanos, a autenticidade da linguagem, a beleza dos costumes, a originalidade das indumentárias e a sensualidade de suas coreografias, fazem do Ballet do Senegal um dos mais solicitados grupos folclóricos do mundo.

Recentemente, o Ballet do Senegal abriu o Carlton Dance Festival, em São Paulo, onde cumpriu brilhante temporada antes de

vir para o Recife. Sobre o espetáculo, escreveu a crítica Helena Katz: "Lindo é pouco. O Ballet do Senegal tem um segredo especial: consegue ser a mais contagiante das companhias folclóricas que excursionam pelo mundo. A sua força está na autenticidade que passa, mesmo a quem não conhece a cultura senegalesa. Você assiste e sai com a certeza de que aquilo não é folclore barateado".



# “Ballet do Senegal”

Os ritos africanos, a autenticidade da linguagem, a beleza dos costumes, a originalidade das indumentárias e a sensualidade da dança, fazem do Ballet Nacional do Senegal um dos conjuntos folclóricos mais aplaudidos do mundo, consagrado pela crítica dos cinco continentes. Pela terceira vez, o público recifense terá oportunidade de conhecer esse grupo, que excursiona pela quarta vez ao Brasil, pois fará dois espetáculos no Teatro Guararapes, do Centro de Convenções, próximos dias 4 (sábado) e cinco (domingo).

O elenco é formado por 40 artistas, entre bailarinos, cantores, acrobatas e instrumentistas. Cada dança conta uma lenda, com uma narrativa bem livre, onde o impacto visual das roupas e da iluminação acaba chamando a atenção. As coreografias são intercaladas com solos musicais de instrumentos curiosos como “corá”, “balafon” e “tam-tam”. A corá é uma espécie de harpa com 21 cordas e de sonoridade doce e suave. O balafon é um instrumento mágico, composto por 21 teclas que dão a sonoridade do piano, é tradição no Senegal Oriental. Para o profano, o tam-tam é um ritmo unitário. Mas cada povo, cada região, possui seu estilo próprio. As modulações são múltiplas e sutis.